



O CONCEITO DE INTERIORIDADE NAS OBRAS DE KIERKEGAARD

Elias Gomes da Silva*

O livro *Abstrato e Concreto: Interioridade em Sören Kierkegaard* do filósofo brasileiro Marconi Oliveira da Silva professor aposentado da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE) teve como principal propósito e características, apresentar ao mercado editorial brasileiro os pressupostos fundantes da filosofia de Kierkegaard. Obviamente que a respectiva tarefa já tem sido explorada por diversos outros pesquisadores, sobretudo no âmbito nacional, entretanto, não há dúvida de que o trabalho realizado pelo professor Marconi possui sua importância e lugar. Metodologicamente utilizando-se como primícia o conceito de interioridade o autor defende que essa é uma das formas mais assertivas para melhor compreender a agudeza dialética e a originalidade intrínseca contida nas obras do dinamarquês (p. 11).

Nessa esteira argumentativa, Marconi Oliveira estrutura sua abordagem adotando uma ótica “integradora”, tendo como fio condutor a primícia da interioridade, procurando identificá-la e elencá-la ao longo de todo corpus kierkegaardiano (p. 9). Assim, o livro foi dividido em quatro capítulos que são: (1) *Interioridade e Conceituação* (p. 11-58); (2) *A Interioridade nas Obras Publicadas entre 1841 e 1846* (p. 59-86); (3) *A Interioridade no Pós-Escrito conclusivo não científico às Migalhas Filosóficas de 1846* (p. 87-171); (4) *A Interioridade nas Obras Publicadas entre 1847-1855* (p. 173-204). Vejamos pois.

No primeiro capítulo (Interioridade e Conceituação), Marconi Oliveira inicia sua proposta estabelecendo os pressupostos constitutivos envolto no conceito de interioridade (p. 11-12). Ele diz: [...] *a interioridade deve ser analisada como objeto de discurso* (p. 13). Entretanto, não se trata do discurso intelectual ou abstrato. Para compreender o uso da palavra interioridade na filosofia de Kierkegaard e, sobretudo sua respectiva representação, é preciso vivenciá-la como refutação do pensamento especulativo/abstrato em que se procura construir teorias e elaborar considerações

* Mestre em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Especialista em Filosofia Contemporânea (FACEL). Professor de Filosofia pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE/SP). E-mail: filosofia.elias@hotmail.com



científicas excluindo a existência concreta do indivíduo (p. 18). Portanto, Kierkegaard sempre vai priorizar a existência do indivíduo cuja marca maior é a sua interioridade. Pergunta-se: é no envolvimento da interioridade onde mora o discurso? Responde-se: o discurso da interioridade é construído a partir da concretude da existência pela instrumentalidade da autoconsciência do eu (p. 17-18). Nessa caminhada, embora Kierkegaard fale de discurso, das palavras ou das descrições, nenhum desses recursos conseguem dizer ou descrever de fato os processos de autonomia que podem determinar a autoconsciência do homem (p. 18). Ele diz: [...] “a consciência de si” ou “autoconsciência” é tão concreta que nenhum autor, nem vocabulário mais rico, nem o mais hábil nas descrições jamais conseguiu descrever (p. 18).

Ainda no primeiro capítulo: o autor continua acessando os aportes teóricos da interioridade kierkegaardiana dizendo que a interioridade é o caráter, o estado ou a parte interior do indivíduo que se manifesta através da concretude da existência (p. 33-34). A interioridade precisa ser compreendida como subjetividade. Para Kierkegaard a subjetividade é a verdade. Aqui, o filósofo dinamarquês está disposto a refutar não somente o pensamento objetivo especulativo como também toda comunicação da verdade que se transforma numa abstração (p.55). O que significa que a vida não precisa de especulações. Filosoficamente não precisamos de discursos para forjar nossa interioridade, pois nenhum comunicador é capaz de revelar a existência. A existência é simples e todo discurso especulativo a torna complicada e não compreensível. Kierkegaard diz: [...] *mudar o caminho daquela abstração inhumana, para poder alcançar a personalidade: tal tem sido a minha tarefa* (p. 55).

Já no segundo capítulo, a temática da interioridade é posta a partir das obras que foram publicadas entre os anos de 1841 e 1846. Dentre elas destacamos algumas tais como: *Conceito de Ironia* (1841); *Temor e Tremor* (1843); *A Repetição* (1843); *Conceito de Angústia* (1844). No primeiro momento, mais precisamente em sua dissertação sobre a ironia constantemente referida a Sócrates, Kierkegaard afirma que a interioridade está presente de maneira emblemática no comportamento do próprio filósofo ateniense (p. 65-66). O modo de ser socrático remete-nos ao nascimento da interioridade. Já em *Temor e Tremor*, o autor ratifica que a perspectiva kierkegaardiana aponta para uma interioridade incomensurável aonde o encontro do indivíduo com o



absoluto passa a ser superior ao geral e, sendo ao mesmo tempo determinando de maneira paradoxal em relação com geral (p. 71). Na obra *a Repetição*, o indivíduo precisa decidir entre a “interioridade exterior” (superficial ou impostora) e a “interioridade profunda” (sincera ou honesta) (p. 71-72). Finalizando o segundo capítulo, o Professor Marconi analisa também os desdobramentos da interioridade na obra *o Conceito de Angústia de 1844* (p. 73). [...] *A angústia nasce quando indivíduo trai a si mesmo* (p. 75). Isto é, para Kierkegaard o homem é uma síntese de alma e corpo, como também uma síntese do temporal e do eterno. Esta síntese antropológica é forjada na interioridade. Portanto, *trai a si mesmo* é uma espécie de atitude “demoníaca diante do bem” de não querer vivenciar a interioridade em sua plenitude (p. 76-77).

No penúltimo capítulo, a respectiva temática foi estabelecida em diálogo com a obra *Pós-Escrito Conclusivo Não Científico às Migalhas Filosóficas – 1846* (p. 87-171). Inclusive trata-se da parte mais extensa do livro. Exemplificando: O professor Marconi destaca que o vocábulo interioridade aparece 383 vezes ao longo da obra (p. 87). É necessário reconhecer que é um número significativo, sobretudo comparado com as 162 vezes em que ocorre nas demais obras dos corpus kierkegaardiano. Nesse sentido, buscando facilitar a compreensão do leitor, o autor procurou subdividir as devidas citações em blocos temáticos como: (1) *Comunicação*; (2) *Cristianismo*; (3) *Existência*; (4) *Interioridade Oculta*; (5) *Exterioridade*; (6) *Deus*; (7) *Verdade*; (8) *Jardim da Morte*; (9) *Paixão*; (10) *Loucura*; (11) *Ética*.

Em resumo: a noção de comunicação apresenta-nos o conceito de interioridade a partir daquilo que Kierkegaard chama de comunicação indireta. Isto é, a comunicação indireta parte do princípio que emissor e receptor são de fato pessoas existentes com interioridades constituídas (p. 89). No que diz respeito ao fenômeno do cristianismo, o consenso denominacional baseado na fé de acreditar que Jesus é Deus e homem, conforme diz as Escrituras, foi como o passar do tempo negativamente influenciado pelas ciências exatas e humanas, transformando a teologia numa espécie de “doutrina pagã” no sentido racionalizado da fé. Entretanto, somente a través da interioridade o cristão é capaz de ser tornar diferente de um pagão (p. 101-102). Já a noção de existência aponta-nos para aquela interioridade cuja expressão máxima acontece pela instrumentalidade da relação do homem consigo mesmo. Nessa relação a um turbilhão



de possibilidades oferecidas ao existente para que o mesmo possa estabelecer individualmente a decisão na interioridade (p. 111).

Para associar as noções de ‘interioridade oculta’, ‘exterioridade’, ‘Deus’ e ‘verdade’ ao conceito de interioridade o autor afirma: [...] *o indivíduo da interioridade oculta deve ser o oposto do movimento monástico* (p. 124). O movimento monástico quer revelar o monge como sendo “diferente” dos outros, a interioridade oculta, ao contrário deve eliminar as diferenças entre os sujeitos, visto que a mesma apresenta os dramas e sofrimentos da existência como sendo aspectos antropológicos universais (p. 124). A noção de exterioridade recebe de Kierkegaard um tratamento radical. Ele é enfático ao dizer que não pode haver mediação entre o interior e o exterior. Para o filósofo a vida interior e a interioridade não são percebidas pelo exterior. O movimento monástico quer expressar a interioridade por meio de uma exterioridade que se supõe que seja interioridade. Porém, nisto reside a contradição pois ser um monge é uma coisa exterior. Tal comportamento suprime a medição com o absoluto (p. 139-140). Deus e a verdade são noções pensadas por Kierkegaard de maneiras correlatas. O ponto de correlação tem como mediação a interioridade. As advertências de que a relação direta com Deus é paganismo só podem ser rompidas pela autorreflexão na interioridade. Essa determinação deve estabelecer que a verdade é interioridade (p. 146).

Seguindo a descrição do terceiro capítulo ainda, resta-nos as noções de ‘jardim da morte’, ‘paixão’, ‘loucura’, ‘ética’. No que diz respeito a primeira, a interioridade se manifesta de maneira análoga e figurativa. Como quem está morto o existente deve ter uma interioridade que seja ao menos silenciosa, mantenedora da palavra e eterna. Em suma, para Kierkegaard, feliz é o vivente que é capaz de existir silencioso como um túmulo e quieto como um morto, mantendo sua interioridade e sustentando a sua palavra (p. 159-160). Já a interioridade como paixão se caracteriza pela paixão pela infinitude cuja primícia repousa na subjetividade como verdade. Portanto, interioridade e verdade estão iterativamente relacionada com o existir e, esse com a paixão (p. 163-164). Por sua vez, a noção de loucura é pensada não a partir da ausência da objetividade, pois para Kierkegaard o que de fato é capaz de nos defender da demência e da loucura é a interioridade, pois a ausência de interioridade é também loucura (p. 165). Outra noção, a chamada ética, dialoga com o conceito de interioridade na medida



em que o homem ético se limita ao mundo exterior e social, mesmo assim supostamente ele consegue manter a interioridade. Isto é, a interioridade do cidadão precisa ser sempre renovada. Fica claro que não é no exterior da ação que torna o ético mais ético, com efeito, o que torna o ético mais ético aponta-nos também para interioridade (p. 167-168).

Finalizando a resenha, temos o último capítulo: *A interioridade nas obras publicadas entre 1847-1855*. Nessa ocasião, o Professor Marconi Oliveira faz abordagem das obras: (1) *Diário*; (2) *As obras de amor*; (3) *O que aprendemos dos lírios do campo e da aves do céu*; (4) *O evangelho dos sofrimentos*; (5) *Ponto de vista explicativo da minha obra de escritor*; (6) *O desespero humano*; (7) *Exercitação do cristianismo*; (8) *Para um exame de si mesmo recomendado a este tempo*. Todas elas perpassadas pelo conceito de interioridade.

No *Diário*, Kierkegaard fala de aprender viver uma interioridade que seja ao menos capaz de renunciar todas as possíveis aspirações exteriores pautadas no reconhecimento público (p. 173). Interioridade aqui pode ser explicada como exercício do tornar-se cristão sem esperar receber as recompensas do mundo. O verdadeiro cristão deve permanecer no seu posto e se renovar interiormente. Marconi afirma: *O Diário de Kierkegaard é a história da vida de um existente que luta para viver o cristianismo fundado na interioridade e não na mundanidade* (p. 174). Já nas *Obras do Amor* – algumas considerações cristão em formas de discursos de 1847, o conceito de interioridade nós é apresentado sob a perspectiva dialética do oculto/revelado. Por exemplo: o amor é oculto e invisível aos olhos, entretanto pode ser manifestado através de seus frutos. É como a vida que se revela em outras coisas. A vida da planta é oculta, o fruto é a revelação; a vida do pensamento é oculta, a expressão do discurso é capaz de revelá-la. Da mesma sorte a interioridade do existente, aparentemente oculta a exterioridade, mas pode ser revelada por ações e atitudes de amor (p. 184-185).

Ainda no livro – *O que aprendemos dos lírios do campo e da aves do céu* de 1847, Kierkegaard faz alusão a preocupações humanas. Grosso modo, ele se dirige, pois, ao homem aflito, preocupado, sobrecarregado pelas preocupações econômicas ou simplesmente pelas aflições relacionadas com o sustento, com o alimento e com o dia de amanhã – enfim, pela preocupação temporal (p. 190). No que diz respeito a temática



da interioridade o dinamarquês vai afirmar que somente quem é capaz de vivenciar sua interioridade (reflexão diante de Deus) pode ser agradecido pela vida e conseqüentemente se livrar das preocupações. Pois assim como lírios do campo e as aves do céu são cuidados por Deus, assim será o homem que é sua imagem e semelhança (p. 190-191).

O evangelho do sofrimento também de escrito em 1847 o nórdico procurou pensar a interioridade como mecanismo de defesa apologética sobre o cristianismo como um processo existencial de autoabnegação. Isto é, seguir a Cristo é carregar sua cruz, é abnegar-se a si mesmo. Porém esse processo de autonegação não é fácil, mas intenso e demorado. Nesse sentido, aí está a relação entre interioridade e sofrimento. Ele diz: [...] *é afinal justamente a interioridade de negar-se a si mesmo* (p. 191). O modo como Kierkegaard nos apresenta o sofrimento descaracteriza-se da noção forjada pelo senso comum de dor no sentido externo ou meramente um sofrimento físico, pois trata-se de uma interioridade patética em gêneses de dialética. O evangelho do sofrimento defende a ideia de *pathos* existencial e paixão pelo absoluto (p. 191). A palavra dinamarquesa *lindeskab* que se traduz como paixão. Assim, como *pathos*, a paixão comporta dois momentos: o homem sofre, mas exprime e conserva ao mesmo tempo que lhe provoca o sofrimento, pois só a interioridade no sofrimento conquista o eterno (p. 191-192).

A temática em questão apresentada na obra *Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra de Escritor* (1848), brotou de uma irresistível necessidade interior, mesmo sabendo que não podia tornar pública sua relação com Deus, isto é, sua interioridade. Aqui, muitos intérpretes de Kierkegaard costumam fazer a distinção entre “filosofia da religião” e “teologia filosófica”. Proporcionalmente, Kierkegaard estaria muito mais inserido na segunda categoria do que na primeira. Da mesma sorte é perceptível os elementos de teologia filosófica na obra *O Desespero Humano* de 1849. A inevitabilidade do pecado como forma alienante de desespero só pode ser “curada” quando o homem acerta a sua relação com Deus em intensa interioridade (p. 194).

Por fim, a *Exercitação do cristianismo* (1850); e a obra *Para um exame de si mesmo recomendado a este tempo* (1851-1852), a palavra interioridade também possui suas especificações. Na primeira obra destacou-se a responsabilidade do cristão de viver



uma vida irrepreensível diante de Deus independente do sofrimento. O homem só não é atingido existencialmente se for capaz de viver intensamente a sua interioridade. Somente assim é possível não se escandalizar de Cristo. As coisas do mundo só atingem o homem exterior: pobreza, miséria, doença, injustiça dos homens. O homem interior possui a blindagem da fé (p. 196). Cristo deu-nos os exemplo de transformação da exterioridade vazia, um mestre que transforma a exterioridade em interioridade. Portanto, mesmo confrontando a toda objetividade exteriorizada, o indivíduo precisa decidir pela verdade subjetivamente pautada na interioridade (p. 197). A finalização do livro ocorre com análise da obra *Para um exame de si mesmo recomendado a este tempo*. Trata-se de um alerta ao leitor para a coerência entre a vida e a interioridade (p. 204). Contextualmente ser coerente aqui significa estar diante de Deus em sua interioridade. Para Kierkegaard o existente deve evitar o pretexto da objetividade para não vivenciar o que ele chama de “mundanismo refinado”. O perigo repousa naquela antiga malícia racional de tentar instrumentalizar a Palavra de Deus com conveniências humanas para justificar seu comportamento sem interioridade (p. 204).

REFERÊNCIAS:

SILVA, Marconi Oliveira. **Abstrato e Concreto: Interioridade em Sören Kierkegaard**. São Paulo: Intermeios, 2021, 211p.